

Sylvie
Baussier



AU, O MINOTAURO



Planeta minotauro



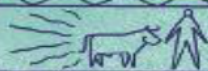
VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

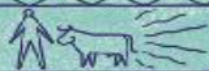
Sylvie
Baussier



EU
O MINOTAURO



Planeta minotauro



EU
O MINOTAURO

A autora

Desde que aprendeu a ler sua primeira palavra no maternal (e essa palavra foi “borboleta”), Sylvie Baussier se tornou uma grande devoradora de livros. Por esse motivo, ela quis trabalhar em meio a eles, os livros, seus grandes amigos. Sylvie foi bibliotecária e, depois, editora de enciclopédias gerais.

Há vinte anos, um de seus textos para jovens foi publicado. Agora, tantos anos depois, a magia continua ali: descobrir e fazer descobrir, sonhar, mudar seu olhar... Graças aos livros, ela acha que podemos nos tornar humanos mais atenciosos uns com os outros.

Para saber mais sobre as suas publicações:

<http://sylviebaussier.weebly.com/>

o ^{EU}MINÓTAURO

Sylvie Baussier

Tradução
Carolina Grego Damatto

 Planeta editorial

Copyright © Scrineo, 2020
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Copyright de tradução © Carolina Grego Donadio
Todos os direitos reservados.
Título original: *Moi, le Minotaure*

Preparação: Mariana Silvestre de Souza
Revisão: Thayslane Ferreira e Caroline Silva
Diagramação: Lilian Mitsunaga
Capa: Tristan Gion
Imagens de capa: Tristan Gion
Adaptação de capa: Renata Spolidoro
Adaptação Para Ebook: Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Baussier, Sylvie

Eu, o Minotauro [livro eletrônico] / Sylvie Baussier ; tradução de
Carolina Grego Donadio. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.
ePUB

ISBN 978-85-422-2663-8 (e-book)

Título original: *Moi, le Minotaure*

CD 1338.5
241353

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil francesa

Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das
florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Nota da autora

E se os monstros também tivessem uma parte de humanidade?

E se, em cada um de nós, houvesse um canto sombrio escondido, que não quiséssemos ver de verdade?

É comum contar a história do ponto de vista do vencedor. A Batalha de Waterloo, por exemplo, é ensinada como uma vitória dos ingleses e, de certa forma, nada é dito sobre os franceses!

Nas histórias, Teseu é o herói, Minotauro, o vilão...

E se nos interessássemos mais por aqueles que parecem ser mais frágeis?

Se escutássemos a história deles?

Leitor, leitora, segure minha mão para percorrer esse caminho...



Os personagens



ASTÉRIO



Filho de Pasífae, o príncipe Astério vive no grande palácio de Minos, o rei de Creta. Suas irmãs se chamam Fedra e Ariadne.



PASÍFAE



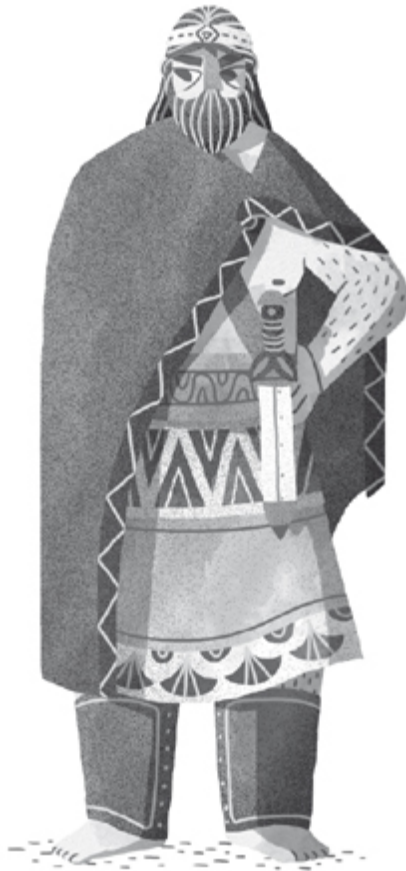
Mãe de Astério, Pasífae é esposa do rei Minos. Ela é filha de Hélios, o deus do Sol, e de Perseis, uma ninfa aquática.



MINOS



Minos é o rei de Creta. Ele é filho de Zeus, o deus supremo da mitologia grega, e de Europa, uma princesa fenícia (a Fenícia era uma região que corresponde atualmente ao Líbano). Ele é esposo de Pasífae.



ARIADNE & FEDRA



Filhas de Minos e Pasífae, as duas meninas são irmãs de Astério. Ariadne é doce e gentil com seu irmãozinho, já Fedra não para de tirar sarro dele.



TESEU



Teseu é o filho do rei de Atenas, Egeu. Ele tem como missão matar o Minotauro para acabar com os sacrifícios organizados por Minos. Será que ele vai conseguir?



POSEIDON



Poseidon é o deus do mar e dos oceanos. Ele também é irmão de Zeus, Hades, Deméter, Hera e Héstia. Seu principal símbolo é o tridente.



Prólogo



Como posso ser príncipe e, mesmo assim, me sentir o mais azarado dos seres? Será que alguém trocaria de lugar comigo?

Você aí que tá me escutando? Ou você aqui lendo este livro? Venham, eu dou para vocês minha cama de ouro, minhas roupas bonitas e até mesmo o meu imenso palácio onde passeio sozinho todos os dias. Em troca, me arrumem o amor de um pai, um motivo para rir e a aparência de um jovem bonitão.

Ficaram em dúvida? Entendo demais!

Então, antes de tomarem uma decisão, escutem a minha história.

Capítulo 1



— **P**ríncipe Astério!

— Sim, ama?

— A comida está pronta.

Minha ama coloca o prato na frente da porta do meu quarto. As uvas, as azeitonas e o cheiro do pão quente me dão fome! Só que em vez de me fazer um pouco de companhia, minha velha protetora de mãos delicadas sai dali correndo, sem nem olhar para mim, como ela tem feito desde que cresci.

Estou tentando me acostumar com isso, e, com certeza, ela está com pressa. Cuidar de uma criança solitária também não deve ser tão legal.

Minha irmã Ariadne passa diante da minha porta, tão linda com seus cabelos longos, pretos e enrolados, toda elegante. Eu a chamo:

— Ariadne, quer brincar de dado comigo? Não vai embora... se preferir o jogo das pedrinhas, eu topo!

Ela responde, tentando não me olhar, que nem minha ama faz:

— Tô sem tempo.

Aí ela acrescenta:

— Preciso ajudar Fedra e mamãe a costurar um vestido.

Passar uma tarde inteirinha com minhas duas irmãs e nossa mãe, Pasífae, seria demais! Por que elas não querem saber de mim? Onze anos sozinho é muito tempo...

Cheio de esperanças, sugiro a Ariadne:

— Eu posso segurar a linha, enrolar pra vocês, vocês vão ver, eu vou ser útil!

Ariadne me encara. Dessa vez, seus olhos me examinam com atenção. Depois, ela dá um suspiro e fala algo estranho bem baixinho:

— Não dá. Você pode assustar as empregadas.

Dou um pulo e encontro com ela no corredor, que está vazio a essa hora de pleno calor, e pergunto:

— Eu, assustar alguém? Por quê?

De repente, minha irmã fica triste. Ela desvia seu olhar de mim enquanto uma lágrima cai na sua bochecha. Em seguida, chega perto e me faz carinho na cabeça, como os donos fazem com seus cachorros. Depois, sai correndo em direção ao quarto das mulheres, e eu fico sozinho no grande corredor do palácio de Cnossos. O palácio de Minos, meu pai superpoderoso.

Com isso, saio correndo dali, gritando de raiva. Queria bater, socar, destruir, mas quem, o quê... e por quê? Respiro e inspiro profundamente, daí começo a ficar calmo de novo.

Preciso sair de trás desses muros onde me sinto sem ar, nem que seja só um pouquinho. Para isso, só preciso seguir a longa rampa de acesso do palácio, depois passar pelo portão. Nenhum guarda nunca me segura.

Corro pelas montanhas de Creta, essa ilha enorme onde nasci, que fica entre a Grécia e o Egito. Meus amigos são as cabras que correm nas terras secas, as oliveiras carregadas de azeitonas pretas, o céu azul e o mar, tão grande que faz minha ilha parecer uma prisão. Todos os barcos são do rei, meu pai, por isso, nenhum pescador teria a coragem de me aceitar como passageiro. Mesmo que aceitassem, me pegariam rapidinho tentando escapar.

Sigo pelas montanhas o mais rápido que consigo. Queria que meus pensamentos se perdessem no vento da minha corrida. Como minha garganta está seca, paro perto de uma fonte. Bebo a água observando as ondas que vão diminuindo devagar. Eu me curvo para observar melhor suas ondulações tranquilas.

Mas eu não devia ter feito isso!

Nunca vi a água tão calma, pois nas enxurradas ela transborda e vive, mas aqui ela está me chamando para me curvar. Dou um pulo ao descobrir a imagem que aparece na água transparente. Quem é esse tourinho de focinho grande que está me olhando de um jeito misterioso, quase humano?

Olho para trás e vejo a colina vazia. Sinto um medo terrível. Logo, meu corpo treme diante do choque, preciso me sentar na grama para não cair. Devagar, vou levando minha mão até meu rosto e encontro uma sensação conhecida: o pelo um pouco grosso que cobre totalmente meu rosto e onde sempre faço carinho, sem nem pensar. Como se fosse natural. Esse focinho úmido e móvel que percebe os cheiros da cozinha antes de todo mundo. Esses dois chifres que mal aparecem por cima das minhas orelhas longas e macias. Como que eu não percebi antes? Não queria. É a única explicação. Meu coração sabia, mas minha cabeça negava.

E, por um momento, esse meu coração para de bater.

De repente, entendo por que ninguém nunca me olha de frente. Minhas irmãs, Ariadne e Fedra, Pasífae, minha mãe, o rei Minos, meu pai, as empregadas e minha ama: cada um deles tenta fugir de mim há onze anos.

Sou uma criança com cara de touro.

O príncipe Astério é um monstro.

Por quê?

Quero entender!

Em pânico, saio correndo no sentido contrário, em direção ao palácio de Cnossos, onde cresci. Perco a coragem quando vejo aquele monte de casas, armazéns e pátios. Então, me afundo no chão. Será que eu teria coragem de enfrentar os olhares ao meu rosto animal, agora que eu o vi com meus

próprios olhos?

Como posso descobrir por que nasci assim?

Quem teria coragem de responder às minhas perguntas?

Capítulo 2



Eu inspiro o ar perfumado de tomilho e finalmente me levanto. De repente, corro em direção ao palácio. O calor do verão atinge as montanhas em brasa, o grito das cigarras me preenche. Meus superpulos me levam rapidinho até os muros de Cnossos. Tento criar um plano de ação: preciso convencer quem sabe do segredo do meu nascimento a falar. Porque com certeza tem um segredo, né?

Falar o quê?

Para quem?

Eu vi meu focinho. É assim que as pessoas me veem: como um animal!

O que perguntar para as minhas irmãs que vivem fugindo de mim? Como cruzar o caminho do rei, esse homem imenso e assustador? Quanto à mamãe... quando me aproximo dela, ela dá um passo na minha direção, mas quando corro para me proteger em seus braços abertos, ela foge chorando.

Tem alguma coisa errada aí. Alguma coisa grave. Estão mentindo para mim desde sempre. Será que fiz algo horrível de que não me lembro? Será que fiz algum mal sem saber? Do que sou responsável? Pelo que estou sendo castigado?

Olho para o céu. Então, da minha garganta de criança sai um mugido horrível misturado com soluços de gente.

Na porta, os guardas assustados tentam me impedir de entrar. É a primeira vez. Em seus olhos arregalados, vejo o reflexo da minha força, que vem da mistura da minha raiva com o medo. Com um simples gesto, afasto os homens que não sabem da sorte que têm, isto é, ter a aparência humana! Entro no pátio deserto e quente.

Talvez Ariadne e Fedra me respondam. Minhas irmãs estão no quarto das mulheres, ocupadas em fiar e tecer a lã, se Ariadne falou a verdade. Contorno as vitrines cheias de jarras de vidro e de azeite e também a sala do trono decorada com pinturas. É a primeira vez que me perco, e olha que cresci nesse palácio! Meus passos me enganam, meu choro cobre as paredes amarelas. Afinal, onde estou? Como sair dessa armadilha?

Eu devia ter ficado nas montanhas com as cabras, me escondendo nos arbustos, dormindo olhando as estrelas, fazendo uma oferenda a Zeus e esquecendo os humanos. Mas é tarde demais. Estou no mégaro¹ de mamãe.

Seu lugar reservado.

As mulheres estão costurando e conversando. Aham que estão sozinhas, livres para falar, protegidas. Quem iria imaginar que estou ali, espiando atrás da porta?

Depois de um tempo de silêncio, Ariadne exclama:

— Vocês não sabem, mas Astério queria encontrar a gente aqui essa tarde. Ele quase me implorou.

— O que você respondeu pra ele, mana? — Fedra a apressa.

— Ele estava insistindo tanto... acabei contando que ele assusta as empregadas.

— É verdade! — confirma uma delas, que fia a lã.

— Ele também me assusta — suspira Ariadne. — Coitadinho do meu irmão... Por que os deuses fizeram ele nascer assim?

— “Coitadinho do meu irmão” — imita Fedra com uma voz ácida. — E, além disso, o que mais ele é? Um bicho nojento, isso sim.

— Você não devia falar assim na frente da mamãe — Ariadne fala baixinho.

Pasífae chora. Que pena não poder confortá-la.

Pelo jeito, minhas irmãs sabem tanto quanto eu. Estou quase indo embora quando um grito alto me congela ali.

— Ali! Olhem!

É a voz de Fedra, essa voz dura que eu odeio. O que ela está mostrando para as outras duas?

Ixi! O sol mudou de posição. Ele aumentou a minha sombra. Minhas orelhas e chifres ficam visíveis na entrada do mégaro.

Outras pessoas gritam, como se eu tivesse uma doença contagiosa. Então, me levanto rapidinho e vou correndo para o meu quarto. As uvas, as azeitonas e o pão ainda estão ali. Com o delicioso cacho de uvas na mão, repasso o meu plano tintim por tintim: vou ver papai, vou perguntar para mamãe, minha ama vai me contar tudo, Zeus, o pai do meu pai, vai aparecer no meu sonho, Poseidon, deus do mar, vai me ajudar...

Como os deuses podem tudo, Hélios, o deus do Sol, que deu à luz minha mãe, vai me transformar em um príncipe bonitão de rosto gentil... ou então, vou pedir para Dédalo, o arquiteto e escultor que trabalha para Minos...

Acabo caindo no sono. Sonho com um lugar escuro, uma caverna complicada feita por diversos pedreiros. Eles me empurram para dentro dela e me trancam lá dentro. Estou sozinho. Peço ajuda, mas ninguém ouve meus gritos. Peço ajuda sem parar, dizendo: “Podem rir, se quiserem, mas falem comigo!”. Um eco me responde, repetindo minhas palavras sem parar pelas paredes de pedra.



Quando abro os olhos, a ama está na cabeceira da minha cama. Ela olha minha testa, minha boca, me enche de atenção, que nem quando eu era pequeno. Tinha me esquecido de como é bom ser amado.

— Você dormiu três dias e três noites, minha criança. E estava ardendo em febre.

O jarro está fresco, pego com a mão toda e bebo até a última gota de água.

Depois, falo baixinho:

— Por quê?

— Por que o quê?

Ela finge não estar entendendo.

— Por que eu sou assim?

Ela fecha a cara e se levanta com pressa para arrumar a bandeja, mas responde:

— Não tenho permissão de te falar.

— Fiz alguma coisa errada?

A água em seus olhos segue o caminho de suas rugas.

— Você é a criança mais pura que eu conheço!

— Eu ofendi os deuses?

Ela fica muda. *Então é isso. A raiva de Zeus ou de outro Olímpio caiu sobre mim.* É possível ser culpado sem saber de quê? Minha cabeça se enche de ideias, minhas emoções se misturam. E tudo começa a girar, daí eu fecho os meus olhos.

Escuto uma confusão de vozes. Algumas vozes que amo e, por cima de todas, a de mamãe. Ela está vindo me ver? Mas ela não vem quase nunca... Será que eu estou delirando?

Capítulo 3



Minha mãe, que eu amo tanto, está aqui de verdade! Pasífae segura a minha mão e me tira da cama, sem nenhuma explicação. Eu iria até o outro lado da ilha, desde que seus dedos não soltassem os meus. Seu contorno, com um vestido de babados azuis, destaca-se do vermelho do pôr do sol.

— Minos ouviu falar da sua nova curiosidade — me diz com uma voz tensa.

— Ele tem espiões por todo o palácio, mesmo entre minhas empregadas.

Pergunto, alternando entre o medo e a esperança:

— Papai quer me ver?

— O rei não quer encontrar com você, nunca quis. Mas hoje ele está com muita raiva. Suas perguntas são proibidas de entrar no palácio dele.

Digo “papai”, e mamãe responde “o rei”. Por quê?

— Mamãe...

— Agora não. Não tenho tempo para as suas perguntas. Preciso te proteger. Você é meu filho. Eu te amo muito...

Ela me ama? Ela está falando comigo! Enfim, faço a pergunta que não sai da minha cabeça:

— Mamãe, o que fiz de errado? Por que as pessoas têm medo de mim? Por que tenho essa cara de touro?

Ela me observa muito triste e diz baixinho:

— Você tem o coração mais humano e gentil que conheço, príncipe Astério. E também não fez nada de errado. O rei Minos provocou a raiva de Poseidon. É aí que está a causa dos seus problemas. Agora, precisamos nos apressar.

Ela veste um capuz sobre seus longos cabelos escuros e me cobre com uma grande capa marrom.

Pegamos passagens desertas, passamos diante de guardas, que se afastam indiferentes.

Mamãe raramente sai do palácio. Ela gosta do ar fresco, e essa noite deve ser especial! Passadas as cabanas de pescadores, ela pega o caminho de Katsamba, o porto que serve o palácio de Cnossos. A essa hora, tão tarde, a costa está deserta. Nós nos sentamos e nos deixamos ninar pelo suave barulho do mar. Levo um susto quando a voz da minha mãe se eleva, sonhadora:

— Foi aqui que eu o vi pela primeira vez. Ele era grande, todo branco...

— Papai?

É verdade que o rei Minos é quase um gigante e que sua pele é clara, mas a descrição que minha mãe faz me parece curiosa.

— Sim, seu pai... Como você sabe?

Não entendo seu espanto, mas ela continua:

— Minos tinha dois irmãos, Sarpédon e Radamanto. Os três queriam ser reis de Creta. Claro, só tinha lugar para um deles. Era necessário tomar uma decisão.

— Eles brigaram?

— Não com as próprias mãos. Os três filhos de Zeus chamaram os deuses do Olimpo. Minos ofereceu um sacrifício a Poseidon e pediu para ele mostrar quem seria o escolhido por meio de um sinal.

Fico cada vez mais curioso:

— O que o deus do mar decidiu?

Pasífae parece falar de tempos antigos, sua voz chega para mim sufocada pela força dos anos. Onde, de fato, está mamãe nesse momento? Em todo caso, ela fala comigo, fica ao meu lado, posso sentir o calor de seu corpo bem pertinho do meu! Muitas crianças achariam isso normal, mas, para mim, sua presença é mais importante do que o ouro; meu coração se derrete.

— No começo, não vimos nada. Ficamos todos olhando a água sem parar. Depois, lá longe, eu achei que tinha nuvens brancas boiando perto da água, quase no horizonte. A nuvem se aproximou, misturada com a espuma branca. Sarpédon tinha medo de que fosse uma tempestade violenta e saiu correndo. Algo vinha na nossa direção, correndo pelo mar... galopando, na verdade. Era um lindo touro branco, o animal que é usado para homenagear Poseidon. Ele colocou a pata na margem e se aproximou de Minos. Radamanto abaixou a cabeça e foi embora, como seu outro irmão alguns minutos antes. O touro era tão bonito! E ele tinha escolhido Minos. O sinal era bem claro: Minos seria o rei.

Minha mãe ficou quieta. Pergunto:

— Eu nunca o vi... É dele que você estava falando agora há pouco? Um ser grande, todo branco?

— Sim... Minos havia prometido oferecer o animal para Poseidon, como agradecimento. Mas ele não conseguia se decidir! Ele queria ficar com o lindo animal, em vez de dá-lo ao deus!

— E o que aconteceu depois?

Pasífae olha para mim e através da luz da lua cheia vejo seus lindos olhos repletos de tristeza. Será que ela vai me responder?

Mas, na mesma hora, ouvimos um barulho atrás de nós, depois vozes masculinas dizendo:

— Aqui! — grita um dos homens.

— Estou vendo o Minotauro! — diz o outro. Quem é esse ser de quem eles falam?

— Eles estão te procurando — murmura mamãe. — “Minotauro” é o

apelido que as pessoas do palácio te deram, há um tempão. Metade humano, metade touro! Fuja! Eu vou segurá-los.

— Pra onde?

— Pra gruta onde Zeus, o pai de Minos, nasceu. Quem sabe ele não tem pena de você? E aí esse lugar sagrado vai te proteger.

Dou um beijo na bochecha de mamãe, um beijo de animal gentil, e logo começo a andar. Mas a gruta é tão longe, lá no alto das montanhas. Será que sou capaz de encontrá-la de noite?

Os guardas me acham. Um deles me pega pelo braço, o outro se joga para segurar meus pés. Luto com força, meio perdido, dando chutes. Não sou mais uma criança, mas um animal querendo sobreviver.

Quando derrubo um, mais dez homens aparecem. Minos enviou um exército contra seu próprio filho!

Eles me seguram e me levam.

Pasífae sumiu. A noite a engoliu.



Sob a luz das tochas do palácio, sou levado diante do rei, exposto ao povo que me observa e murmura. Queria me enfiar embaixo da terra. E aí, será que ninguém vai me defender?

Estou jogado no chão diante do trono de pedra. Tento me defender:

— Papai, foi só um passeio, seus guardas me atacaram, eu não queria machucar ninguém!

Minos, esse gigante que governa todo mundo nessa ilha de Creta, me encara por um momento, em silêncio, as sobrancelhas franzidas. Depois, fala com uma voz raivosa:

— Astério. Pare de me chamar de “papai”. Você é mais bicho do que gente. Sua violência não tem controle. O seu destino está selado: você é mesmo o Minotauro, aquele que todos temem no palácio. É hora de te prender.

Ele não fala mais nada. Sou levado para o meu quarto, cuja entrada é fechada por cinco homens armados com um machado duplo, símbolo do palácio.

O que vai acontecer comigo?

E o que aconteceu com esse touro de que minha mãe falou? Minos não cumpriu sua palavra, ele não o ofereceu para Poseidon e... estou sendo castigado no lugar dele?

Assim, todo dia, minha existência faz ele lembrar que errou. É por isso que ele me odeia tanto!

Capítulo 4



Há dias fico andando pelo meu quarto. Vou da cama até a parede, da parede até a porta sempre vigiada... É uma prisão bonita, mas ainda assim é uma prisão. Meu cobertor é confortável, os espaços são bem decorados, uma pele de leão comprada dos mercadores egípcios me esquentava quando as noites são frias. Já a liberdade, foi embora. Acabaram as corridas pelas montanhas, os encontros com as cabras selvagens, as noites deitado na grama, os olhos perdidos nas estrelas que os deuses nos dão.

Todo dia pela manhã percebo uma grande atividade do lado de fora até de noite. Ouço gritos, batidas, pregos, transportes, os trabalhadores falam entre si, alguém dá ordem para eles. Uma voz comanda sem nunca gritar: “levem a madeira pra lá”, “de acordo com meu plano, é preciso fazer uma segunda galeria, depois uma sala aqui, uma outra ali...”

Que plano? Acho que reconheço a voz de Dédalo, o artista ateniense que há anos trabalha para Minos. Eu o vi uma vez, mas nunca cheguei perto dele. O que ele está construindo? Com qual objetivo? Não posso perguntar para ninguém. Nem minha ama vem me ver mais. Ela só coloca na porta uma jarra de água acompanhada de algumas comidinhas e depois vai embora.

Ao me tratarem como animal, eles acabam me transformando em um. Ninguém pode me ouvir, então minhas palavras ficam dando voltas na minha cabeça do mesmo jeito que eu fico dando voltas no quarto, cada vez mais rápidas, cada vez mais doidas.

Minos me proibiu de chamá-lo de “papai” na noite em que deu meu castigo. Será que ele só estava bravo... ou será que não é meu pai?

Mamãe me contou como Poseidon enviou um touro branco. Ora, tenho um corpo de menino e uma cabeça de touro...

Os pedaços da verdade tornam o mistério ainda maior.

Quero saber de tudo.

Mas para quem perguntar?

Acabo sempre esbarrando nessa questão, pois as outras perguntas dependem dela.



Será que o Destino, ao qual até mesmo os deuses do Olimpo devem se curvar, teria ouvido minhas orações? Hoje cedo, um menino entra no meu quarto. Ele está segurando uma vara de madeira nas mãos. Os guardas o deixaram passar! Será que eles não levaram esse menino a sério? Será que receberam ordens para o deixar entrar no meu esconderijo? Ele tem mais ou menos a minha idade, magro e leve como uma pena de águia. Em seus olhos brilhantes, percebo uma curiosidade e a falta de medo. Ele me olha e diz:

— Você é bonito, príncipe. Ser homem e touro ao mesmo tempo, quem mais poderia se gabar de tal feito?

Retruco:

— Beleza, grande coisa! É a liberdade que quero! Quem é você? Como você conseguiu entrar na minha prisão?

Ele abaixa os olhos, incomodado. Mas logo se recupera. Sinto que nenhum limite nunca vai pará-lo...

— Sou Ícaro, filho de Dédalo. Meu pai está fazendo umas obras complicadas, por ordem de Minos... ele precisava saber o seu tamanho, eu me ofereci pra te medir com a ajuda dessa varinha. Mas nem precisa, pois você é duas vezes maior do que eu.

— Saber meu tamanho?

— Sim, estão fazendo sua casa nova. Ela será imensa — ele me conta.

Não vou mais viver no palácio de Cnossos... mas talvez no meu próprio? Serei nomeado rei de uma parte de Creta? Minha cabeça gira, fico cheio de esperança, preciso me sentar...

Ícaro vem na minha direção: — Você está bem, príncipe Astério?

Meu nome, pronunciado por essa voz suave, é um presente para as minhas ideias sombrias. Esse menino não me chama de “Minotauro”! Queria que ele continuasse falando comigo, e as perguntas escapam da minha boca — quero esquecer que ela não tem uma forma humana.

— O que seu pai sabe fazer exatamente?

Seus olhos brilham de empolgação. Dá para perceber, na sua fala, como ele admira Dédalo.

— Ah, um monte de coisas! Ele criou umas estátuas que funcionam por meio de uma engenhoca, inventou uma cola que gruda dois objetos juntos e que não podemos separar, idealizou a manivela... até uma vaca ele fez!

— Uma vaca?

Ícaro fica pálido. Ele que, há um minuto, falava que nem um papagaio, fica quieto. Eu o apresso:

— De que vaca você está falando? Tem algo a ver comigo? Fale!

Cresço, a força irradia de todo meu ser. Ícaro sente o perigo e fala baixinho:

— Meu pai contou essa história num dia em que tinha bebido demais. Há

doze anos, a rainha Pasífae veio vê-lo, porque tinha se apaixonado por um lindo touro branco, presente de Poseidon a Minos. Dédalo construiu uma vaca que parecia de verdade! Pasífae entrou dentro da máquina. Nove meses depois, você veio ao mundo.

Um silêncio pesado e escuro toma conta de mim. Ele escurece o quarto e meus pensamentos.

Então, eu sou filho de Pasífae e do touro de Poseidon.

Estou entendendo tudo agora. Poseidon castigou Minos por não ter oferecido o animal como tinha prometido. E colocou esse amor horrível na minha mãe.

Se Minos tivesse mantido a palavra...!

Se ele tivesse sido menos arrogante com os deuses...!

Sou sua culpa viva!

— Não é justo!

Essa última frase pulou da minha boca, eu que achava que só estava pensando. Ícaro me olha, encostado na parede, perto da porta do meu quarto.

— Eu não devia ter vindo — murmura.

— Mas claro que sim. Valeu. Agora, eu sei. Não fiz nada de errado. Você me explicou.

— Quem sabe a gente não se vê por aí.

— Sim, tomara. Não conte sua conversa pro seu pai. É o nosso segredo.

Ele concorda e vai embora com a varinha na mão.

O que esperar dos preparativos de Minos e Dédalo?

Capítulo 5



O s encontros e ordens pararam. O silêncio cobriu todas as coisas, e o sol do meio-dia dança na minha porta como antes, durante o show das cigarras. Sigo fechado no meu quarto. Cada vez que tento sair, um guarda armado me responde:

— Minos quer que você fique aqui, príncipe.

Diante de mim, nenhum ousa dizer a palavra “Minotauro”.

Então, me viro de novo e de novo. Em vez de passear com o peso das perguntas, carrego comigo o peso das respostas: mamãe e Ícaro me permitiram entender a história do meu nascimento. Pasífae me ama, continuo sendo seu filho, do contrário, ela não teria tentado me salvar na noite em que ficamos sentados de frente para o mar. Esse pensamento me conforta um pouco.

Uma voz grave me tira dos meus pensamentos:

— Seu palácio está pronto, Astério. Logo, logo, vamos levar você.

O tom é sério; Minos teria usado a mesma voz para me dizer que ia chover ou que o jantar seria servido assim que anoitecesse. Mesmo assim, o rei veio em pessoa me dar essa novidade! Queria responder a ele, mas ele já se foi, tão rápido que fico em dúvida se eu o vi mesmo. Como será esse lugar feito especialmente para mim? Todo de ouro? Com que pinturas os muros serão decorados? Quem serão meus empregados? Minha velha ama vai me acompanhar? Poderei andar por aí livremente como antes?



Ouçõ sons estranhos. Vejo passar grupos felizes. Homens e mulheres vestidos de roupas coloridas de festa. As batidas dos tamborins ressoam no grande pátio.

Ariadne passa em frente ao meu quarto, pela primeira vez desde que fui preso. Com certeza não é por acaso! Ela anda devagarinho e nossos olhares se cruzam. Tenho a estranha sensação de que ela me diz adeus com seu silêncio. Ela sorri para mim de um jeito tão triste que meus olhos se enchem

de lágrimas.

Em seguida, Fedra também para por um momento: ela me olha do mesmo jeito que olharia para um leão numa jaula, antes de continuar seu caminho para a festa.

As conversas ficam mais altas, depois mais baixas, conforme os grupos vão se distanciando em direção ao pátio. Uma voz se dirige aos meus guardas:

— Minos pede que o príncipe seja levado. Eu e meu pai, Dédalo, recebemos ordem de acompanhá-lo.

Reconheço o timbre decidido do jovem Ícaro.

— Por que é você que vai me levar?

— Minos decidiu assim.

Com certeza já sabem que nos vimos. Sabem que eu confio nele.

Ícaro inicia a caminhada. Sigo-o cercado de uma dezena de guardas equipados do machado duplo.

— Por aqui, príncipe — ele me diz.

Ele me leva em direção a um palanque instalado no grande pátio, diante de onde está minha família.

— Mamãe!

Ao ver Pasífae, dou um berro. Ela me olha como se quisesse beber minha presença, absorver minha vida. Seu olhar é de um ímã do qual não posso desgrudar. Mas também não posso me desgrudar dos meus vigias. Já Minos assiste, sem piscar, aos musicistas, que agora estão tocando flauta. Ariadne e Fedra, minhas irmãs, conversam com uma animação falsa. Ariadne está muito pálida, e Fedra, toda vermelha.

Então chega o primeiro touro, preto, muito forte, preso numa grande arena de madeira. Um jovem acrobata dá um salto mortal sobre a cabeça do bicho e cai de pé atrás do animal furioso.

— Muito bom!

— Maravilhoso!

— Mais uma vez!

A multidão, de pé, aplaude o ato.

Começo a me sentir um pouco mal. Será que é a tradicional festa do equinócio? Porque me deixaram vir aqui?

Um segundo touro chega galopando, dando chifradas no ar, como se fosse um recado. Ele é marrom e branco. Um menino o imobiliza, enquanto outro fica atrás dele. Um novo acrobata entra, cumprimenta, depois se joga nas costas do animal, de um jeito ágil e elástico. Ele se segura pelas mãos, vai de um lado para o outro, se volta e cai no chão sob os gritos animados dos espectadores.

O mal-estar só piora dentro de mim. Esses touros, símbolo da realeza de Creta, são o coração de todas as festas do palácio de Cnossos. O que vai acontecer depois?

O mais estranho é que todos fogem do meu olhar. Eu os vejo bem. Eles me olham de canto de olho, depois viram os olhos assim que cruzam com os

meus. Eles nunca fizeram isso antes.

Enfim, a música para e os gritos também, os acrobatas levam os touros para fora do pátio. O sol se põe, em tons de vermelho e dourado, atrás das construções do palácio. A voz de Minos ressoa:

— Príncipe Minotauro, vamos te conduzir a sua nova casa.

Então é isso!

Espero que todo mundo se levante para me festejar, pois vou ter meu próprio palácio! Serei livre e poderoso!

Ordens devem ter sido dadas e os espectadores deixam o pátio em silêncio total. Minha mãe e minhas irmãs são levadas pelo movimento da multidão, e até Ícaro sumiu. No momento solene só devem estar o rei e seu sucessor: eu. Que outra explicação?

Vigiado pelos guardas, sigo os passos de Minos. Nos afastamos do mar e percorremos em silêncio um caminho escurecido pela noite.

Do nada, aparece uma porta. Ela parece dar acesso a uma gruta ou talvez a muitas paredes. Ela está aberta.

Minos sorri de um jeito assustador e me diz:

— Em sua honra, príncipe Minotauro. Esse lugar foi inventado especialmente para você pelo meu fiel conselheiro, Dédalo. Até encontramos um nome novo: labirinto.

— Papai, eu queria saber...

— Me chame de Minos, o rei, se quiser falar comigo. Mas não há mais tempo para conversa.

Dou um passo e depois outro. Caminho pela fronteira – tudo está escuro –, ando mais um pouco para observar melhor.

Atrás de mim, a porta se fecha! Dou meia--volta e tento abrir. Chacoalho-a, mas nada acontece, pois a porta está bem fechada.

Era prisioneiro entre os meus familiares, agora sou prisioneiro longe deles. Sozinho.

O que vai acontecer comigo?

Capítulo 6



Chamo.

Só um eco me responde: “socorro... corro... corro”.

Começo a correr na escuridão da noite. No alto da parede, alguns buracos me permitem distinguir o contorno das galerias. Viro sem pensar para a direita, para a esquerda, sem fim, em círculos, encontrando caminhos sem saída, voltando dez vezes para o mesmo lugar. Finalmente encontro minhas pegadas e a porta fechada. Caio no chão e num sono profundo como um buraco escuro e pegajoso.



De manhã, com os olhos ainda fechados, busco a beira da minha cama de ouro e a pele de leão que usava para me cobrir. Não tem nada disso aqui. Estou deitado em terra batida. Então, onde é esse lugar? Minha cabeça se lembra num clarão doloroso.

Com um passo cuidadoso, começo de novo minha exploração. Um corredor me leva a outro, uma sala que tem várias entradas; a entrada que escolho me leva a um caminho cheio de curvas e levemente inclinado. Não encontro nenhum sinal que me permita saber onde estou. Ando em círculos, cada tentativa me leva para um lugar em que já fui. Então esse é o tal palácio que me fizeram! Uma complicada trilha de caminhos difíceis de percorrer, tão grande quanto o palácio de Minos e tão vazio quanto o meu coração.

Estou com fome. Na porta da entrada, que finalmente achei de novo, encontro um prato com pão, frutas e um tipo de carne grelhada, acompanhada de vinho com água. Estou morrendo de fome, logo, ataco a refeição que encontrei. Os pelos da minha cara logo ficam sujos de migalhas e suco, mas não estou nem aí, como é bom comer! Pelo jeito, eles não me esqueceram. Eles cuidam de mim. Não querem que eu morra?

Será que alguém vem me ver?

Ariadne, talvez? Ela tem pena de mim, eu percebi. Ou talvez mamãe? Ou quem sabe Ícaro... Mas paro e penso. Quando Ícaro me levou para a festa, ele

devia saber o que meu pai havia construído para mim e o que me esperava. Será que ele me traiu? Ou evitou a vergonha de eu ser levado à força para esse maldito lugar? Nunca vou saber. De uma coisa tenho certeza: esse menino não é meu amigo, não tenho amigos. Vou ser o meu único amigo, meu próprio companheiro.

Renovado, um pouco mais calmo, começo de novo minha viagem nesses espaços incertos. O sol brilha através dos buracos feitos no alto das paredes. Faz feixes de luz no chão.

De tanto andar e me perder no labirinto, final-mente acho um lugar diferente. Uma sala a céu aberto? Será meu esconderijo? Meu quarto? Meu pátio? Minha liberdade?

Nesta segunda noite, vou me deitar olhando as estrelas. No céu quadrado, acima da minha cabeça, brilham pontos. É lindo.



De manhã, faço um risco numa das paredes da sala: um dia a menos no meu labirinto.

Pego uma longa pena que foi perdida por um pássaro. Enquanto isso, um morcego machuca uma das asas ao cair. Nas minhas mãos, ele encontra abrigo. Pelo menos, os pássaros do céu estavam me fazendo companhia!

O tempo passa à medida que desenho os traços na parede. Um segundo, um terceiro... o morcego voou essa noite. Será que ele vai voltar para me ver?

Minha coleção de penas aumenta. Uma águia me dá uma de presente; e se for um sinal de Zeus? Também peguei uma pena preta de um andorinhão, uma pena marrom de um pardal...

Durante as longas horas que fico acordado, percorrendo as galerias sem fim do meu reino sombrio, falo comigo mesmo. Uma das minhas vozes é a do príncipe que fui, a outra voz é a do monstro que me tornei aos olhos dos outros.

— Astério, você é feliz aqui?

— Não, Minotauro, e você sabe disso.

— Você queria voltar pro palácio de Minos?

— Não sei, Minotauro. Os cretenses me abandonaram por ordem de Minos.

O que eu ia fazer no meio deles?

— Astério, um dia você vai ser rei?

— Não, Minotauro. Esse palácio é o da morte e não o do poder.

— Astério, o que a gente vai fazer hoje?

— O mesmo que ontem e amanhã. A não ser que...

— A gente comesse uma coisa bem gorda, que mate a fome?

— Não tem nada aqui, só o prato que os guardas servem.

Ainda sonho que corro no campo de Creta. Só que não dá mais. Por isso,

desenho a minha casa no chão. Na poeira, com a ajuda de uma pena, faço oliveiras cheias de azeitonas, cabras pulando, as nascentes das montanhas, a gruta onde Zeus nasceu...



O tempo escorre pelas minhas mãos, esqueço cada vez mais de fazer um traço quando o sol se levanta. Quantos meses se passaram? Quantos passeios solitários eu fiz no meu reino sombrio? Ah, como eu queria falar com alguém que não fosse eu mesmo!

Será que os deuses do Olimpo estão me ouvindo, apesar de tudo? Um dia, assim que chego – como sempre, um pouco sem querer – à única porta de entrada, um guarda a está abrindo para pôr minha comida.

Fico a alguns passos de distância, para ele não ficar com medo de mim, e pergunto:

— Cretense, você sabe se alguém vai vir me ver um dia? Ou estou condenado à solidão?

Ele hesita, depois responde:

— Parece que você vai receber alguns meninos e meninas no labirinto.

— Um oráculo revelou isso?

— Não — sussurra o guarda. — Minos contou para o povo. Vai ter uma grande festa, mas não sabemos quando.

Meu coração se enche de esperança. Será que vou ser solto? Ariadne vem falar comigo? Quem são esses jovens de quem o guarda falou? Tarde demais para perguntar de novo, a porta pesada já se fechou.

Capítulo 7



Minha espera ganha novas cores. No dia seguinte àquele anúncio, não me afasto da porta de jeito nenhum. Alguém pode vir, como anunciou furtivamente o guarda? Ah, pedir novidades do mundo de fora, saber como vai mamãe...

Mas nada acontece.

No dia seguinte, me perco na minha casa, esses passeios que não consigo saber aonde me levam se tornaram um dos meus raros jogos. Apesar do passar do tempo, continua impossível conhecer o labirinto.

Nenhum dos mapas que faço no chão está certo. Dédalo colocou todo o seu conhecimento neste edifício. Ele pode ter colocado mecanismos secretos que permitem que os corredores mudem de lugar? Não importa, continuo perdido.

Aos poucos vou perdendo a esperança. Com certeza o guarda mentiu para mim, para me deixar tranquilo e evitar que eu lhe fizesse mal.



O tempo continua passando, rude, sem harmonia, como a correnteza da água que carrega mil pedrinhas pontudas que me machucam. As minhas duas metades brigam. O Minotauro em mim vibra:

— Ataque os guardas da porta, Astério! Pegue-os de surpresa!

Mas o humano, o príncipe Astério, que eu também sou, protesta:

— Pra que fazer isso, Minotauro? Os humanos podem me notar facilmente, um humano com cara de touro não passa despercebido por aí! Os homens de Minos me pegarão mais cedo ou mais tarde.

O animal retoma:

— Então você aceita viver nessa prisão? Aceita ser o príncipe das injustiças?

Fico em dúvida. Como responder a essa voz interior que me diz que devo me revoltar? Com o tempo, ela vai crescendo em mim.

De repente, meu focinho percebe um cheiro incomum, uma mistura de suor e medo. Só pode ser de humanos. Talvez Minos tenha mudado de ideia e

mandado que os cretenses me matassem.

Não, é outra coisa. Preciso investigar.

Como sempre, me perco nos caminhos.

Os desconhecidos também devem ter o mesmo problema, porque ao mesmo tempo que o cheiro se aproxima, ele também se afasta. Galopo muito tempo procurando por eles. A fome está me matando. Percebo que não me trouxeram nenhuma comida há dias. Fiz jejum, beliscando às vezes um animalzinho perdido.

De repente, vejo-os.

Humanos! Meu coração bate forte; preciso tanto ouvir outras vozes além da minha! Falar com uma pessoa de carne e osso, em vez do meu outro eu, das pedras, dos pássaros e dos morcegos!

Mas eles ficam em silêncio, que nem estátuas. Alguns baixam os olhos em direção as suas sandálias, outros me olham, muito pálidos.

São sete meninos e sete meninas, apertados uns nos outros, como um rebanho de ovelhas. São menores que eu, apesar de já não serem mais crianças. Isso só pode significar que durante meu cativeiro cresci e me tornei adulto.

Com a voz mais gentil possível, pergunto:

— Quem são vocês?

Eles se olham, um dos meninos ousa:

— Não nos machuque, ó, Minotauro!

Isso não satisfaz minha curiosidade. Repito minha pergunta, com uma voz mais forte.

— Somos atenienses — responde uma menina. — Pertencemos às famílias mais ricas de Atenas.

Atenienses? É a primeira vez que vejo habitantes da Grécia continental. São necessários muitos dias de barco para atravessar o mar que nos separa. Tudo isso para me visitar? Então sou um monstro conhecido! Quem iria querer conhecer essa celebridade? Eu que não iria.

Insisto.

— O que vocês estão fazendo no meu labirinto? Ela continua:

— Minos mandou que, a cada dois anos, te entreguem quatorze dos melhores jovens atenienses.

Minos continua decidindo. E quanto a mim nessa história?

— Vocês me conhecem pelo nome de Minotauro. Na verdade, sou o príncipe Astério. Me ajudem a sair deste lugar, e eu vou deixar vocês partirem sãos e salvos.

— Isso é impossível — murmura o mais corajoso do rebanho. — Tem um monte de guardas barrando a entrada desse lugar.

Sou tomado por uma grande raiva. Como uma imensa onda, ela me engole. Alguém grita selvagememente na minha cabeça: “Mate-os!”. O Minotauro tenta varrer os sentimentos de Astério. Fico zonzinho. Um dos meus pés arranha o chão e parto para cima dos atenienses. Mas eles conseguiram alguns

segundos de vantagem, com certeza se aproveitando da minha confusão. Alguns pegaram o corredor da direita, outros foram para a esquerda. Sigo os primeiros, por acaso. O cheiro do medo deles está mais forte que antes. Esse cheiro vai se espalhando na minha cabeça, fazendo crescer minha raiva e minha fome.

— Nãoooo!

Pego um homem e o devoro de uma só vez.

O resto se perde na confusão, mas me lembro de ter caçado um por um.

Assim que tudo acaba, o labirinto fica com um cheiro horrível de sangue fresco.

Eu desmaio.



Quando volto a mim, já é noite. Aqui estou de novo Astério, príncipe humano, e não mais o Minotauro, o animal com fome. Eu me arrasto até o meu esconderijo aberto e arrumo os ossos encontrados em um cemitério improvisado. Peço ao passador Caronte para levar os atenienses aos infernos, para que suas almas encontrem a paz.

Meu corpo está cheio de lágrimas, apesar dos meus olhos estarem secos.

Sei o que quero agora: continuar sendo humano a qualquer preço.

Não me tornarei o animal que Minos quer fazer de mim.

Conto as luzes no céu, colocando esperança no que elas representam. Zeus não transformou a ninfa Calisto na Ursa Maior? O Centauro não é o corajoso Quíron, metade cavalo, metade homem? Quem sabe a minha alegria não está lá em cima também?

Capítulo 8



P assaram-se dias no meu pesar e horror; luas, anos, talvez. Já faz tempo que não faço mais traços na parede do meu quarto quando o sol se levanta. Não falo mais com o Minotauro: prefiro ser o silencioso Astério a ser o monstro devorador de carne humana, este que mora em mim, escondido, e cuja violência é maior que a vergonha.

Essa manhã, comi uma água que caiu no meu esconderijo, mas ainda estou com fome. Minha expedição me traz aos corredores, às entradas sombrias e aos quartos que os anos ainda não me permitiram conhecer. Agora é certo que Dédalo encantou esse lugar ou colocou um mecanismo que muda a cada instante.

Finalmente, encontro uma entrada maior que me leva à porta. Mas por mais que eu espere o discreto arrastar da porta, indicando que o guarda me dá um pouco de água e algum resto de comida, nada chega. Estranho. Será que os humanos esqueceram de mim hoje?

Estou faminto e percebo com meu nariz um cheiro incomum. Acho que me lembra um quarto com uma cama de ouro – a minha – no palácio de Minos. O cheiro também me lembra fonte de água clara e uma pasta de natrão vinda do Egito para tomar banho... que cheiro estranho... também sinto o cheiro do medo...

Ao pensar nisso, entro em pânico. Um ser humano entrou no labirinto? Ou vários?

Minotauro acorda e grita dentro de mim: “Corra! Coma essa carne!”. A outra parte do meu ser responde tremendo: “Não, nunca mais!”.

Um único cheiro avança no caminho onde acabo de me esconder. Os outros ficaram na entrada, consigo sentir o cheiro daqui.

Neste momento vejo um humano que aparece no final da passagem. É um homem muito jovem, de cabelos finos enrolados. Ele segura uma espada na mão direita e um novelo de lã amarela na mão esquerda, deixando para trás um fio suspenso que se perde no escuro.

Seus olhos brilhantes refletem medo e coragem, vontade e tensão.

— Quem... Quem é você?

Minha voz está rouca por que nunca falo alto. O jovem se assusta e me observa:

— Você fala?

Começo a rir.

— Claro! O que você achou que ia encontrar aqui?

Ele murmura:

— Na verdade, ninguém me disse... Eu achava que você era só uma lenda, ó, Minotauro.

— Meu nome de verdade é príncipe Astério. E você, quem é?

— Um ateniense.

Dou um suspiro.

— Mais um.

Ele inclina a cabeça como se tivesse sido pica-do por uma mosca.

— Não qualquer ateniense! Você está diante de Teseu, príncipe da cidade de Atenas, filho do rei Egeu.

Minha voz está mais segura agora.

— E o que você veio fazer aqui, Teseu? — Te matar para salvar minha vida e a dos meus três companheiros.

— Me matar? Muito bem. E como você vai encontrar de volta o caminho pra sair desse inferno? Eu mesmo sou incapaz, apesar dos anos preso nesse buraco.

Vejo que ele fica em dúvida.

Ele não parece preocupado. Será que está escondendo alguma coisa?

Pergunto:

— O que você tá segurando?

— Uma espada.

Continuo rindo e respondo:

— Não pense que eu sou besta. Na outra mão.

— Uma linha. Foi Ariadne que me deu.

Dou um pulo ao ouvir esse nome. Os traços da minha irmã são menos nítidos quando penso, mas sei o quanto eu a amava. E ela está ajudando um estrangeiro!

— Minha irmã te deu a linha?

— Sim. Com ela, vou reencontrar meu caminho até a saída.

Fico envergonhado.

— Vamos, não minta pra mim. Ariadne não me trairia assim!

O Minotauro acorda em mim, furioso, selvagem; pedindo por vingança, querendo matar Teseu.

— Juro pra você. Ela me ama. Dédalo contou pra ela como não se perder no labirinto, e ela me deu esse segredo de presente. Em troca, ela quer ir comigo pra Atenas quando...

— Quando eu morrer! Como ela pôde fazer isso comigo? Espero que um dia ela se sinta tão abandonada quanto eu agora. Sim, abandonada por você, por todos!

Corro em direção a Teseu, minha mão forte encontra sua espada e começa a sangrar, mas os humanos são tão pequenos e eu tão forte que nem toda sua

coragem poderá salvá-lo. Eu venceria fácil, mas o pensamento de matar de novo me assusta. Tenho mais medo de mim do que dele! Saio correndo.

Seus passinhos não me deixam. Viro à direita, ele me segue. Pego uma entrada à esquerda, ele continua atrás de mim. Nos encontramos no quarto aberto, rodeado pelos meus desenhos, pelas minhas penas e pelos ossos embranquecidos.

Olho para ele de novo.

Ele não largou sua bola de lã fina, que faz um caminho atrás dele.

Ele levanta alto sua espada, pronto para me machucar. Uma gota de suor cai da sua testa.

Dou uma volta e aproveito meu impulso para chutar sua arma. Ele balança, mas não cai. Coloca o novelo no chão, mas ainda segura com força o cabo da sua espada mortal.

Volto para a luta, sinto o cheiro doce do meu sangue escorrendo da minha mão machucada, invade cada vez mais minha alma. “Morda! Bata! Mate!”, grita o animal dentro de mim.

Não me mexo. O Minotauro não vai matar o príncipe Astério e vou continuar humano. Devo calar o monstro que cresce em mim, não quero mais matar. A vitória de Teseu também será a de Astério, mesmo que ninguém nunca vá saber.

Paro de lutar e digo para Teseu:

— Não quero ser um monstro. Faça o que tem de fazer.

Eu me sento na poeira e espero, mas o príncipe fica em dúvida. Então, me levanto e grito:

— Rápido! É agora ou nunca... Se você não me matar agora, você e seus amigos podem dizer adeus à vida.

Ele coloca a lâmina da sua espada no meu pescoço.

Caio no chão.

Numa confusão de sangue e sofrimento, penso que Teseu e Astério, cada um do seu jeito, venceram o Minotauro.

Os deuses não me deram nem uma chance. Preso ou não, sou prisioneiro de uma história que vai além de mim. Mas posso imaginar o que vem.

Hélio, meu avô, vai vir, ele me levará em sua carruagem de luz e finalmente serei livre com os deuses, os meus ancestrais, que nos observam do Olimpo.

Sim, é isso.

Livre.

Epílogo



Você aí que me ouviu, que me acompanhou durante toda a história dessa voz que se apaga, você quer minha cama de ouro, minha pele de leão, meus medos e minhas tristezas? Será que você não preferiria os braços macios da sua mãe, os incentivos do seu pai, sua vida entre os humanos? Eu trocaria com prazer, seja quem for você. Sim, eu trocaria de vida com você, para além do tempo e mares, se você quisesse.

Mas vamos ser sinceros: duvido.

O príncipe Astério também é o Minotauro.

Este cuja aparência incomoda.

Este que é diferente.

Mas eu era só uma criança.

Eu amava a vida.

O mito do Minotauro



Por meio da história que você acabou de ler, você entrou no universo do príncipe Astério, conhecido por todos como Minotauro. Esse monstro é sempre visto de longe, com nojo – o que é compreensível, claro! –, como se ele fosse malvado. Mas quem inventou essa história? Onde? Por quê?

O que é a mitologia grega?

Um mito é uma história sobre personagens extraordinários. Em sua origem, esses personagens não são heróis de lendas para crianças. Na verdade, eles são deuses e deusas nos quais, um dia, as pessoas acreditaram: eles faziam parte de uma religião.

Na Grécia Antiga, há mais de dois mil anos, existiam templos dedicados a Zeus, Hera, Atena, Apolo... Também havia religiosos que honravam essas divindades, e jogos sagrados eram organizados em nome delas, como as Olimpíadas, dedicadas a Zeus.

O Minotauro, um mito cretense

Creta é uma grande ilha em pleno Mediterrâneo, situada entre a Grécia e o Egito.

Na Antiguidade, os cretenses viveram um período de muita riqueza, provavelmente por conta do comércio com o Egito e a passagem de piratas; a ilha representava uma parte importante da rota marítima.

Em 2200 a.C., foram construídos palácios para os reis em Creta. O artesanato era rico e inventivo e as pinturas de parede eram extraordinárias. Esse período é chamado de “civilização minoica”. Em torno de 1450 a.C., terríveis incêndios destruíram as riquezas da ilha e principalmente os palácios. Creta perdeu sua independência, e os gregos tomaram o controle. Começa o período micênico, nome vindo de Micenas, uma importante cidade grega.



Civilização cretense: entre 2200 e 1400 a.C.

O palácio de Cnossos

Os reis cretenses possuíam palácios luxuosos que foram queimados nos incêndios. Traços deles foram encontrados, e, inclusive, é possível visitar algumas salas restauradas parcialmente e admirar os imensos jarros quase intactos, mas é difícil imaginar exatamente como era o conjunto.



O palácio de Cnossos é o maior e mais conhecido. É nele que teria reinado o rei Minos (esse nome quer dizer “rei”, na verdade).

O touro era um animal sagrado em Creta. No palácio de Cnossos encontramos uma cena de jogo pintada, onde jovens faziam acrobacias em cima de touros.

Quem é o Minotauro?

O Minotauro, na mitologia de Creta e de toda a Grécia, é um ser com corpo de homem e cabeça de touro.

Aqui está a história anterior ao seu nascimento:

O rei Minos reina em Creta. Ele se casou com Pasífae, filha de Hélio, deus do Sol (só isso!). Juntos, eles tiveram vários filhos, entre eles Ariadne e Fedra.

Um dia, Minos recebe de Poseidon, o deus do mar e dos oceanos, um superpresente: um extraordinário touro branco saído das ondas. O rei de Creta é tão grato que promete matar o touro em honra ao deus. Mas o animal é lindo, e o rei não cumpre sua promessa, escolhendo sacrificar um outro touro. Um erro fatal. Poseidon não é bobo e decide castigar Minos. O deus vai fazê-lo indiretamente e, graças aos seus poderes, ele faz Pasífae, a rainha de Creta, se apaixonar por esse touro extraordinário. Dessa paixão, nasce o Minotauro, metade homem, metade animal.

Minos não suporta sua imagem e decide prendê-lo num lugar secreto.

Onde o Minotauro foi preso?

O rei Minos quer construir um lugar especial para aprisionar o Minotauro. Ele dá a missão ao inventor Dédalo para construir um lugar que não deverá se parecer com nenhum outro.

Será o labirinto. Ele deverá ser tão complicado que ninguém nunca vai conseguir encontrar seu caminho. Para que o segredo fique guardado para sempre, Minos prende, inclusive, Dédalo e seu filho, Ícaro, assim que o labirinto é feito. Não usei esse elemento na história para me concentrar no Minotauro.

Dessa história vem a utilização de “labirinto”, como um termo do dia a dia: usamos essa palavra para designar um lugar cuja saída não conseguimos encontrar.

O palácio de Cnossos era tão grande que podíamos ter a impressão de nos perder nele. Essa imensidão teria dado origem à imagem do labirinto. Não sabemos exatamente com o que se parecia esse lugar imaginário, o que abre margem para diversas interpretações!

O Minotauro, objeto involuntário de guerra

Segundo o mito, o Minotauro come carne humana. Minos não lhe dá os cretenses, mas os atenienses – habitantes da poderosa cidade de Atenas, que fica no continente. Sete rapazes e sete moças são levados até o labirinto para serem devorados a cada nove anos, a cada três anos ou todo ano; essa frequência depende da versão da história que é contada.

Na verdade, existe uma guerra entre Creta e Atenas, porque Minos acusava os atenienses de ter matado seu filho Androgeu. Ele sai vencedor da guerra e impõe como castigo que Atenas lhe entregue regularmente seus melhores jovens.



© Marie-Lan Nguyen/ CC-BY 2.5.

Teseu e o fio de Ariadne

A história muda quando Teseu, filho do rei de Atenas, se mistura entre os jovens atenienses prometidos à morte. Ele não tem nenhuma intenção de virar lanche, pois decidiu matar o Minotauro.

Quando a prince-sa Ariadne, filha de Minos e de Pasífae, vê Teseu, um

jovem bonito, ela se apaixona por ele. Ela decide ajudá-lo – ou seja, ficar contra o seu próprio pai – se o príncipe aceitar levá-la com ele. Teseu aceita, e Ariadne lhe dá um longo fio, que deverá ser amarrado na entrada do labirinto, assim que for aprisionado com seus companheiros. Então, o jovem deverá ir desenrolando o fio ao longo da caminhada. Assim, seguindo o fio em seu retorno, ele encontrará a saída. Teseu mata o Minotauro e foge como previsto.



© Siren – Escultura Teseu combatendo o Minotauro, de Antoine-Louis Barye, feita em 1843.

O Minotauro é culpado de quê?

De nada! O rei Minos irritou o deus Poseidon, porque não cumpriu sua promessa. Se ele tivesse sacrificado o touro prometido, nada teria acontecido. O príncipe Astério, o Minotauro, vive aprisionado no labirinto por conta do erro cometido pelo seu pai diante dos deuses. Não é justo! Ele não tem culpa de ter uma cabeça de touro e de terem dado a ele o papel de malvado. Podemos imaginá-lo, de um ponto de vista mais moderno, sofrendo com sua monstruosidade e pelos atos que ele não pode se recusar a fazer porque são os deuses que o condenaram a ser quem ele é. Desse ponto de vista, claro, podemos imaginar que ele aceita ser morto por Teseu para escapar da rejeição – mesmo que esse jeito de renunciar à vida não possa ser, de modo algum, considerado como uma solução para o seu sofrimento.



© Marsyas – Busto de uma estátua representando o Minotauro erguida em um monte em Atenas.

Como Dédalo escapou do labirinto?

Esse artista era um gênio sem fronteiras.

Quando Minos o fechou no labirinto que ele mesmo construiu, Dédalo não aceitou morrer ali. Além disso, ele precisava salvar seu filho Ícaro, que o acompanhava! Ele faz asas, que cola com cera em suas costas e nas de Ícaro. Eles voam. Estão livres! Mas Ícaro, fascinado pelo sol, voa cada vez mais alto, apesar dos conselhos de seu pai. O calor derrete a cera e Ícaro acaba caindo no mar e morrendo. Dédalo pousa na Sicília, vivo, mas com o coração ferido por ter perdido seu filho.

As fontes

O mito que conta a história do Minotauro faz parte de um conjunto de mitos em que Ariadne e o príncipe ateniense Teseu são personagens principais. Entre os autores que contam a história cretense do Minotauro, podemos citar o ateniense Apollodoro, na obra *Biblioteca* (século II a.C.), o poeta Virgílio em *Eneida* (século I a.C.) e um outro grande poeta, Ovídio, em *As*

Metamorfoses (século I a.C.). Este último, por exemplo, conta no capítulo VIII que: “Minos decidiu afastar de sua casa esse objeto de vergonha e fechá-lo em múltiplos caminhos de um lugar terrível”.



© Wolfgang Rieger – Afresco romano, em Pompeia: Dédalo mostrando a vaca de madeira para Pasífae.

Representações modernas

Em 1933, o editor Albert Skira criou a revista de arte *O Minotauro*, de inspiração surrealista, que é publicada até 1939. Ao mesmo tempo poética e científica, sua abordagem interroga a ordem social tradicional. Nós todos não teríamos uma parte monstruosa escondida dentro de nós? De animalidade? O que quer dizer “ser normal”?

A Primeira Guerra Mundial e seus horrores acabaram por desfazer muitas certezas que tínhamos, e essas questões são o resultado de uma ferida

profunda. A figura do Minotauro é o seu símbolo.

O célebre pintor Pablo Picasso pintou uma série de Minotauros entre 1933 e 1936. Fascinado por touradas, ele encara esse antigo monstro, tanto homem quanto animal, como um ser sofredor entre dois mundos.

Uma nova visão

O mundo grego antigo mostrava o Minotauro como a personificação do mal. Ele é amedrontador, mata seres humanos, está aprisionado, e Teseu, o herói, precisa combatê-lo para que a civilização grega seja salva.

O mundo atual veria principalmente a figura de um ser sofredor, prisioneiro de si mesmo, emocionante, com forças e fragilidades de qualquer ser humano.

Conheça também



1. Durante a Idade do Bronze, esse era o nome dado ao principal cômodo das habitações da nobreza.
2. “Minotauro” é a contração das palavras gregas **Μίνως** (Minos) e **ταύρος** (touro). O apelido significa “O touro de Minos”.

SYLVIE BAUSSIER Desde que aprendeu a ler sua primeira palavra no maternal (e essa palavra foi “borboleta”), Sylvie se tornou uma grande devoradora de livros. Por esse motivo, ela quis trabalhar em meio a eles, os livros, seus grandes amigos. Sylvie foi bibliotecária e, depois, editora de enciclopédias gerais.

Há vinte anos, um de seus textos para jovens foi publicado. Agora, a magia continua ali: descobrir e fazer descobrir, sonhar, mudar seu olhar... Graças aos livros, ela acha que podemos nos tornar humanos mais atenciosos uns com os outros.

Para saber mais sobre as suas publicações:

 sylviebaussier.weebly.com

 Planetaminotauro

 PlanetaLivrosBR

 Planetadelivrosbrasil

 PlanetadeLivrosBrasil

 planetadelivros.com.br

 Planetadelivrosbrasil

#acreditamosnoslivros